

Acaba a figura do negociador da dívida

ARQUIVO

CORREIO BRASILIENSE

26 MAI 1991



O embaixador Jório Dauster deve assumir um posto diplomático

Da Agência Estado

Washington — A figura do negociador da dívida externa, introduzida pela ex-ministra da economia Zélia Cardoso de Mello, deve desaparecer. Segundo fonte oficial bem informada, as atribuições do negociador voltarão a ser exercidas pelo Presidente e o diretor da área externa do Banco Central, como ocorria no passado. A familiaridade do novo ministro da Economia, Márcilio Marques Moreira, com o problema da dívida, bem como seu amplo trânsito junto aos credores internacionais tornou desnecessária a figura do negociador — indicou a fonte. A mudança, que já está madura, visa também a desdramatizar e dar mais agilidade aos entendimentos com os bancos.

Márcilio está em Washington desde sexta-feira. Ele retornou brevemente à cidade onde serviu como embaixador durante quatro anos e meio para assistir a cerimônia de formatura da filha mais nova, Ana Amélia, que se formou sábado em Economia Internacional pela Universidade de Georgetown. Aproveitou para tratar de questões pessoais, tais como ir

ao oculista, ao dentista e provar um par de ternos que havia encomendado antes de ser abruptamente chamado por Collor há duas semanas. O ministro estará de volta a Brasília nesta segunda-feira. Na terça-feira, ele apresentará o acordo sobre os juros atrasados ao Senado.

Sempre parcimonioso em suas declarações públicas, Márcilio evitou contatos com a imprensa. Não manteve, tampouco, nenhuma reunião oficial. Ele voltará a Washington dentro de três semanas com o presidente Fernando Collor, mas só deve despedir-se formalmente do posto de embaixador na primeira quinzena de julho, disse um assessor. Assim, Márcilio desempenhará a dupla função de representante do País nos EUA e ministro da Economia durante a visita oficial de Collor a Washington de 17 a 20 do mês que vem. Uma situação peculiar mas que pode ajudar a reacender o interesse de Washington por Collor, que se apagou com a atitude de confrontação que o Presidente adotou inicialmente em relação aos credores e os sinais confusos emitidos por seu Governo durante a crise no Golfo Pérsico.